

Boletim

 EM PAUTA

Alterações relevantes
na Lei de Falências e
Recuperações Judiciais

Previsão legal

Os prognósticos para o mercado do Direito em 2021.

A ruptura acelerada pela pandemia continuará abrindo caminho para novos modelos de negócio nos escritórios de advocacia. A previsão faz parte de um estudo anual divulgado pela Aderant. A gigante norte-americana de softwares reúne análises de especialistas e consultores para identificar nichos de mercado e apontar as tendências para o ano. Segundo o relatório, por exemplo, os profissionais jurídicos se cansarão do Zoom e voltarão ao método “antiquado” de recorrer apenas a áudio para se conectar.

Cientes dos desafios impostos aos profissionais, consultamos um especialista – professor, advogado e estudioso da inovação no Direito – para avaliar o futuro da profissão. Bernardo de Azevedo e Souza concorda que as práticas serão reavaliadas, e o caos gerado pela pandemia vai retirar muitas barreiras para o avanço de parcerias, terceirização e automatização. Mas não acredita que isso seja um problema, pelo contrário: elenca os pontos positivos e oportunidades que estão chegando.

BERNARDO DE AZEVEDO E SOUZA

Advogado. Professor de pós-graduação em Direito da Feevale (RS). Pesquisador de novas tecnologias e negócios digitais na área jurídica.



Foto: Divulgação



Como a ruptura dos padrões tradicionais influencia o ensino do Direito na academia e será sentida pela advocacia profissional?

BERNARDO DE AZEVEDO E SOUZA: O Direito está passando por transformações nunca antes vistas, exigindo dos profissionais que abram suas mentes para novos temas, disciplinas e conceitos, e se atualizem de forma permanente. Todos nós sentimos na pele os impactos dessas mudanças, agora potencializadas pela pandemia. Mas, apesar dos desafios, o novo contexto também vem trazendo muitas oportunidades. Tenho acompanhado de perto os movimentos de transformação do setor jurídico, que cresceram nos últimos cinco anos, e vejo com bons olhos os esforços dos profissionais para melhorar o cenário atual. As lawtechs buscam aprimorar a rotina dos escritórios de advocacia e departamentos jurídicos, oferecendo soluções diversas para auxiliar os profissionais. O Judiciário, da mesma forma, está investindo em laboratórios de inovação e inteligência artificial para aperfeiçoar o atendimento aos jurisdicionados e a própria atividade jurisdicional. Embora o ensino jurídico ainda se mantenha distante de toda essa realidade, algumas pós-graduações já abordam temas como blockchain, inteligência artificial, proteção de dados pessoais, legal design e visual law, para preparar os profissionais para o futuro do mercado jurídico. A tendência é que as graduações também comecem a reformatar seus currículos para abranger esses novos conceitos, tão essenciais nos dias de hoje.

Nesse último ano vimos mais designers, especialistas em tecnologia e jornalistas serem contratados por escritórios de advocacia. Essa cooperação e trabalho multidisciplinar são também uma tendência para a área?

AZEVEDO E SOUZA: As equipes multidisciplinares são uma das grandes tendências para a área do Direito. Designers, engenheiros jurídicos, tecnólogos,



desenvolvedores e cientistas de dados jurídicos já estão se sentando à mesa com os advogados para elaborar produtos e serviços cada vez melhores.

Esse diálogo entre profissionais de diferentes expertises se intensificará ainda mais.

Já existem no Brasil, por exemplo, escritórios de advocacia com departamentos específicos de legal design e visual law, que se dedicam a aprimorar a jornada do cliente desde o início, antes mesmo do fechamento do contrato, e também a repaginar documentos jurídicos (como contratos e petições) com recursos visuais, para aprimorar a compreensão e retenção das informações.

O investimento em tecnologia provou ser necessário em 2020. Neste ano, quanto a investimentos em tecnologia, no que ou como deveriam investir advogados e escritórios?

AZEVEDO E SOUZA: Os profissionais da advocacia devem enxergar a tecnologia como oportunidade, e não como ameaça. Isso não significa acreditar que a tecnologia resolverá todos os problemas. Ela não resolve, mas ajuda (e muito) na realização das atividades profissionais.

Os advogados devem entender o problema que desejam resolver, para, então, procurar a solução tecnológica que mais faça sentido dentro da rotina do escritório. Não se trata de automatizar por automatizar, ou mesmo de inserir alguma solução com inteligência artificial sem necessidade.

Hoje em dia existem diversas soluções, como automação e gestão de documentos, jurimetria, gestão de processos e muito mais. Os profissionais podem pesquisar mais sobre essas soluções e até mesmo experimentar algumas das ferramentas antes de decidir contratá-las. Tudo está ao alcance de um clique. Além das facilidades tecnológicas para os profissionais que já atuam, há um universo de oportunidades para os bacharéis em Direito.

Em vez de seguir as carreiras ditas tradicionais, os graduados podem almejar novas profissões. Vagas para engenheiros jurídicos e cientistas de dados jurídicos são cada vez mais comuns. Os bacharéis podem também criar suas próprias startups

para solucionar problemas do universo jurídico. As oportunidades são inúmeras.

Que práticas usuais podem estar com os dias contados?

AZEVEDO E SOUZA: Fica claro que os avanços tecnológicos vão impactar a advocacia e a prática jurídica como um todo. Mas não vislumbro um cenário apocalíptico para a advocacia, como muitas matérias sugerem, no qual os advogados serão substituídos pelas máquinas. Algumas funções deixarão, sim, de existir no futuro, sobretudo as rotineiras e repetitivas, que acabarão sendo delegadas aos algoritmos. Os próprios profissionais desejarão automatizar essas tarefas. Mas há tantas outras que permanecerão, pois exigem criatividade e altos níveis de interação social, competências essas que as máquinas não oferecem.

Que postura é exigida de quem está atualmente na faculdade? E como as gerações anteriores podem se adaptar às mudanças?

AZEVEDO E SOUZA: Os jovens profissionais devem ser eternos aprendizes. A língua inglesa tem uma expressão própria para isso: lifelong learning. A realidade é que o conhecimento não termina no colégio, tampouco na faculdade. O conhecimento deve ser perseguido por toda a vida. O estudante que se forma deve entender que o mercado está sendo constantemente transformado e que, para lidar com os obstáculos que aparecem no caminho, é preciso estar disposto a se atualizar de forma permanente.

Adotar o lifelong learning como postura profissional é essencial nos dias de hoje. Não sabemos de tudo e devemos reconhecer que é preciso estudar sempre. Acredito que todos os profissionais, mais jovens ou mais experientes, são capazes de adotar essa postura. O lifelong learning contribui positivamente para nossa jornada, permitindo que novos conteúdos e informações acessem nossas estruturas mentais. Portanto, a quem estiver lendo até aqui, deixo esta mensagem final: nunca deixe de estudar.